

e s t a h d o

“há algo de errado comigo. só quero conviver com o eu íntimo do outro. só me interessa pelo eu íntimo. detesto ver as pessoas no mundo, as máscaras, as falsidades, sua rendição ao mundo, sua semelhança com os outros, sua promiscuidade. só me interessa pelo eu secreto. eu só quero o sonho e o isolamento. tenho o temor de que todo mundo está indo embora, se afastando, de que o amor morre num instante. olho as pessoas andando na rua, apenas andando, e sinto o seguinte: estão andando, mas também estão sendo levadas. fazem parte de uma corrente. cada momento que passa as leva para algum outro lugar. eu confundo as disposições que mudam e que passam com as próprias pessoas. vejo-as carregadas por redemoinhos, sempre saindo de algum estado ao qual jamais retornarão, vejo-as perdidas. elas não andam em círculos, de volta ao ponto de onde partiram, mas andam para fora, para além, de uma forma de certo modo irreversível ... rápida demais ... na direcção do fim. e me sinto ali parado; não consigo me movimentar junto com elas. parece que estou parado observando essa corrente passar e sendo deixado para trás. por que tenho a sensação de que todos passam, como o dia, as folhas, os humores do clima, até a morte?”

(djuna, personagem de a voz de anais nin)

estahdo um
into my own, between the owls

quem se incomoda comigo?
com o meu estado?
com o que sinto?
com o que consigo?
qual o lado que me perturba?
afinal, não me vejo de que lado estou.
afogar o ciúme numa espuma
não devolve o ardor,
não traz o amor de volta.
imagino na obscura vontade de estar
- fora do corpo, de mim -
com você,
cruzando mares alheios.
e quando você me olhar
e souber que estou em outro lugar,
não saberá como se encontrar
e onde me querer.
a chuva se prepara em ondas,
em picos,
as nuvens abertas mostram
toda a sua incandescência,
o relâmpago rasga o monte
lavando os corpos de suor,
com a eterna sensação do quente,
que jorra em lavas.

estahdo dois
corpo preto & branco, paz colorida

tencionava dormir ao som do seu coração,
aproveitando que a lua está pela metade
e a rua se encontra vazia.
não há ninguém para me ouvir.
não há ninguém que possa ouvir.
falar sozinho com a boca seca,
ouvir o nefasto silêncio
que tudo suicida.
na dúvida, só penso.
a faca que corta o coração
deprime, torna ansioso o viver.
o amor é frágil,
escapa pelos poros
encharcando de sangue e lágrimas
tudo que se pode lembrar, sonhar ou dormir.
no lixo não se encontra o que se precisa,
mas há sempre um desesperado,
com as mãos sujas e emporcalhadas.
- querer por ter, como que comprando bananas.
- queria estar ao seu lado.
querer por ficar.
deitado sobre seu corpo,
captando o arrepio que percorre os nervos.
um corpo preto & branco numa paz colorida,
sem truque que não se funde,
sem nada que não nos una.
a companhia que acalenta
é a mesma que foge,
a sensação que sinto já me dopou antes.
walk alone, sleep crying.
tencionava dormir contigo.
queria que velasse meu sono.
quero que proteja meu sonho:
- com a luz acesa a insónia não vem?

estahdo três
canção de disseminar em falso testemunho

fomos surpreendidos por aquilo que não imaginamos.
talvez eu seja imune ao que te preocupa. talvez.
sinto saudades das nossas esperanças.
ao som da noite melodiosa,
bailam meus sonhos.
as lágrimas que o chafariz solta à terra
são saudades dos que foram
e não voltaram.
mar, ondas de fome comem a praia.
elevar o amor aos céus e se perder
no prazer da banalidade do inferno.
do anseio das trevas
o leite do mal dá p'rá todos.
venhamos e convenhamos ao que sentimos.
preservo aquilo que temos de mais justo.
calo, com o sentir do silêncio,
consinto por ser delator.
sentirá o frio do meu olhar
e verá que não temo
a morte da própria emoção,
quanto mais a dele próprio.
sinto da serpente o hálito gélido
da morte dos meus sonhos:
- o último suspiro de esperança.
requisitos do meio,
resquícios de vida,
me coloquei ao redor
e vi o que faziam
e que devia fazer.
quem salva o salva-vidas do afogamento?
será que o espelho se reflecte na pessoa que o olha?
será que depois das nuvens cinzentas dispersas,
a mentira se dissolve?

estahdo quatro
os espaço físico da voz

por debaixo dos viadutos
ainda passam passados para o morro.
o futuro debruçado no parapeito
presencia a realidade, cuspiendo na cara
de quem se arrasta, rastejando.
será que a tua intuição não sabe
que luz me trouxe e por que estou ainda aqui,
não indo embora depois disso tudo?
vivo em cada palavra
e dela retiro outros significados.
palavras trocadas por outras,
coisas que tomam vida
depois de pensadas e ditas.

estahdo cinco
a luz dicróica da paixão

como se não bastasse
morar no meu pensamento,
ainda passeia pelos meus olhos
como se fosse dona do meu olhar,
e mesmo sabendo que era
o que queria ser, não dobra a esquina,
não sai do nosso caminho.
como poderia lutar contra,
se todo vento que na cara esbarra
a conduz para a direcção dela.
todas as vozes me falam de algo
que nosso idioma não diz.
tudo que vejo são miragens.
tudo que me apresentam são mentiras.
jamais beberia a água do mar,
estando longe ou num deserto.
como se fosse um pássaro que gravita,
permanecendo em outra dimensão,
os sinais me prendem a ela,
sem esconjurar os espíritos.
como fosse a maldita
que ateia fogo aos pés,
permanece longe, cultivando ideias,
provisórias atitudes de culto.
ouça o que respondo quando olham
para dentro de mim:
- você só tem isso aí de segurança?
todos os meus sentimentos
cabem numa dominação.
todos os meus pertences cabem numa palavra,
como se eu não tivesse nada.
o obsoleto fardo da tristeza ansiosa,
deixei enterrado numa praia deserta
de um verão que esqueci.
mas, boquiaberta, jamais entendeu
que utopias ausentes ou heranças afectivas
não se compartilham no espaço duplo,
entregam-se à mão estendida e admitida.
impossível morar no passado:
a brisa fresca soprando
por entre os lençóis da manhã;
sob a cama ainda tenho
o vidro com os movimentos nocturnos,
sons, gemidos e respirações alcançadas;
a luz se apagou quando ia começar o filme
no silêncio do tempo você saiu
e o filme não passou.
agora, guardo o bilhete como souvenir,
bugiganga amorosa.
- que horas são?
qual a finalidade em discutir?
- só perguntei se ainda tenho tempo.

estahdo seis
situação inócua do tempo

cheguei bem antes do horário marcado,
sentado no banco, esperei lembrando.

(...)

- moço!

era o cego da praça, vendedor de flores.

- há muito que o relógio parou.

- há muito que o tempo se perdeu.

- há muito que a vida não pulsa.

estahdo sete
relhos reflectidos no espelho em sangue

- qual a cor do vento quando foge?
quando eu morrer
cravem uma estaca de louro
no meu coração,
para que eu não ame mais.
não quero mais voar
por essas turbulentas lembranças,
desasem minhas saudades.
parte de mim voa
nas asas do coração,
sem jamais desasir de você.
triste, metade de mim
fica triste pela outra metade,
triste.

estahdo oito
camila perdida no país das maravilhas

- como pode alguém acreditar
no “o” das alegrias
e ainda viver no curso das alegorias?
cada alice merece o coelho louco que quer.
no mundo falso das cartas,
viver de sonhos e incertezas,
só porque caiu no buraco da toca
de uma vida que nem existia.
o sonhador do sonho mentiroso
leva às raias da loucura
quem procura segurança nas nuvens
ou no sexo eterno, infindável,
no corpo de outro sonho louco e veloz.

estahdo nove
a luz reflectida no pó dos pés

- me sinto um papagaio sem ombro p'rá pousar.
não falo sozinho,
me pergunto coisas
e quando ouço a pergunta,
me tranco em vergonhas,
me fecho em silêncio.
fraqueza por não poder falar,
por não ter quem ver,
transferir ideias,
levar para além dos olhos
o desfecho acontecido
na rota da conversa.
lá fora, em meio ao redemoinho de factos,
a miragem de quem foi real é opaca.
o translúcido espelho do fruto,
joga cisco aos olhos,
faz chorar, se virar.
ninguém sabia que árvore seria.
os frutos foram sempre rejeitados.
hoje poucos acreditam
que haja sementes e que delas
frutifica o amor.
- é inverno e as lenhas aquecem
os encontros amorosos
daqueles que vieram depois.

estahdo dez
de novo a máscara do medo

onde estão aqueles olhos azuis?
onde estão aqueles
dourados fios longos
que o vento eleva aos céus?
e os finos dedos que atçam
o andar de tão belos pés?
novamente me ponho à beira do precipício,
peito aberto que voa incessante,
peregrino mórbido do amor caçado.
as noites tornam-se claras,
os dias lentos.
o pensamento atolado na lama sarcástica
impõe um ritmo circular louco
que centrifuga minhas ideias.
a vontade de estar com ela é maior
do que toda a distância que nos separa.
não, não é possível estar aqui
por mais flexível que possa ser o espelho,
jamais encontrei tal reflexo.
disseram-me que não podiam estar
os dois no mesmo lugar, mas,
às vezes sonho com ela tão realmente
que duvido estar dormindo,
sentindo-a aqui do lado.
a primavera chegou forte,
disseminando factos felizes nos rostos daqueles,
que como eu,
esperam encontrar pessoas como você.
lá fora enquanto chove,
as luzes fracas e cúmplices
inventam gestos e alises,
folheando as lembranças,
cultivando suores nos movimentos
daqueles que adoram ficar juntos.
lá fora enquanto chove,
a música enreda nas teias
as imagens que voam a esmo,
deixando para trás o passado,
urdido nas mãos sôfregas
de quem não pode detê-las.

estahdo onze
o musgo perene da esperança

lá fora enquanto chove,
o perfume infesta todo o lugar,
asfixia as palavras revoltas
afogadas num turbilhão de silêncio,
que arrasta meus pássaros
para um fio impossível de ver.
lá fora enquanto chove,
as nuvens sisudas enclausuram
o desejo ardente dos sonhos,
despejando no abismo
que cada um tem tatuado no coração,
os relâmpagos incandescentes da solidão.
lá fora enquanto chove,
a noite esconde subterfúgios
fechados nos punhos das esquinas,
açoita os calados objectos frágeis
que nada mais fazem do que amar
o ausente do inferno adquirido.
lá fora enquanto chove,
as lágrimas germinam nos olhos,
irrigando os canteiros de vingança.
a chuva apoteótica, calmamente,
cultiva entre as gotas de espelho,
o musgo perene da esperança.

estahdo douze
náufrago num tranquilo regato manso

a ida ou a volta
não traduzem o sentimento,
mesmo para quem não fala
da rota demonstrada
na palma da mão.
aliás, os entroncamentos do olhar
nem sempre
são transcodificados em beijos.
o desejo espanta os cavalos
adormecidos num labirinto de atitudes,
prazeres indómitos num haras incompreendido,
onde tudo pode narrar aquilo que se vê.
aliás, os cascos tatuam no olhar
as mensagens escusas
de um amor mentiroso.
por mais alto que se possa navegar,
as asas não afogam a angústia,
a ansiedade de querer ou dar.
sempre vai faltar um sol,
uma lua, uma estrela
neste inatingível mosaico.
aliás, o curso das asas não levam
de volta ao passado.
quem foi, ficou atolado num deserto,
ligeiramente ofendido,
encrustado nos corais
de uma ligeirice intempestiva.

estahdo treze
cavalgando ventos bravios

de quem gosto mora longe.
quem desejo não está comigo.
enquanto penso nela,
as corujas levam mensagens,
sinónimos do que vivo,
interessadas em estar com ela
sendo captadas em ondas
sobre todo boulevard existentes.
enquanto você me lê, te olho
como nunca senti antes,
arrastando o êxtase,
por morros efémeros,
para além de todas as geografias,
além de qualquer significado,
por mais incompreendidos
que possam ser considerados os tactos.
quero incendiar nossos encontros.
estou sempre a te abraçar,
como último recurso
contra a solidão.

estahdo quatorze
the taste of bees

na tela estampada da tv,
a memória projecta teu cheiro,
teu olhar, tua face,
sorriso, fala,
toda tua pele cor de mel
e pêlos dourados,
vitalizando o plano de voo imaginário
me levando ao posto exacto do seu código.
não consigo diluir a ausência que abomino.
paixão tem algo de trágico,
no futuro tudo rumo para o igual
e o medo prevalece,
fecha os portões
e declara estado de sítio.
o fato de querer amá-la é sonho.
tropeço ao não conseguir dormir.
caio na realidade enfática,
toda vez que acordo longe.
névoa aguada me cobre os olhos.
grito no vazio,
ando a esmo em círculos,
cultivo tormentas,
faço força em vão;
às vezes nem sei como consigo
ser todo ao mesmo tempo que nada.
ocorre que no meu jardim
não voam mais abelhas.
mudam as estações
e as fragrâncias não as atraem mais.
trocam-se as cores das pétalas
mas mesmo assim continuo
cultivando horas na espera fertilizada.

estahdo quinze
paralela a minha vida. poética

durante muitas folhas viradas
te procurei, nos livros
que sua luz concedeu.
púrpura curiosidade juvenil
para saber como uma aranha
tece sua teia emocional.
as palavras germinam
na primavera da ideia
ou
eclodem quando
a imaginação é propícia à colheita?
você não se sente violentada,
tendo sua biblioteca revirada
por traças sedentas de poesias?
desculpe,
a vontade de saber sobre você
é mais alta que uma cachoeira
que a realidade vivência.

estahdo dezasseis
as cinzas da magoa ocupam todo o fundo do copo

olho o mar hoje feito peixe
afogado na areia,
inútil ser que se propôs a não mais nadar.
me custa crer que as espumas floridas,
na crista dos acontecimentos,
possam regredir as rotas dos barcos
mansamente perdidos num céu sem estrelas.
a vontade é fugaz, é dispersa,
dispara rua abaixo ao quebrar,
como vento de mar.
a desesperada maresia causticante,
esmaga meu silêncio,
numa contracção muscular indefinida,
aleatória sensação
de ver além do que é oferecido.
por entre os espasmos a vingança;
soluços de ódio movediço.
de todas as ondas que sua vergonha me disse,
ainda tenho esculpidos na face,
os ratos esfaimados devorando sua moral,
gerando no seu ventre uma alergia deplorável,
gosmenta servidão chantageada.
a marca física na praia
não dura mais que uma onda.

estahdo dezassete
na noite sob seu olhar

na pele de um postal
achei uma desculpa esfarrapada,
um pneu furado,
uma chuva repentina,
um vento que lamenta a sombra do lado,
e um sol que não sabe pintar de preto
minha vontade.
a boca que abre e não me engole
é bela e bandida,
desfalece-me na boa vista
do toque do beijo.
belas pernas.
pelos dourados pêlos
corro sonhos eróticos.
puxo o fio da meada
do esboço que fiz,
tento arquitectar uma blusa
com o novelo que tenho, mas,
falta uma agulha.
- não estava nas palavras do tarô,
nenhuma luz me disse o que sei.
só depende de ti,
ouvir ou não,
levando em conta o que sinto.
desculpe o mal jeito,
não sou muito bom
em limpeza de cristais.

estahdo dezoito
vultos na neblina

o som do sax que sai do rádio
tremula na janela.
o asfalto riscado.
a luz esverdeada de xénon.
as janelas que silenciam os gestos.
um casal que se beija sob a marquise.
um cambaleante bêbado segura o poste.
noite de poucos,
rua de muitos.
lá fora, entre vidros
a vida se agita, agitado fica
quem vive pela noite adentro.
passa-se vermelho aos olhos.
na poça d'água alguém
perdeu a lua.
uma caipira russa não bebe dry martini.
nossa! por onde anda minha intuição?
que rua ela quebrou?
espero que os estilhaços
não estejam num beco sem saída.
os coqueiros do ocidente,
gritam estrofes tragicómicas do lola,
por entre as neblinas dos que viajam.
acontece tanta coisa.
a hora é menos
que a vontade dos que têm sono.

estahdo dezanove
os ventos do despertar

quão catatônicos somos?
tenho medo de despertar,
de ter que me realizar.
medo do vento da insanidade,
vento do futuro.
as atitudes são previstas.
as nuvens andam ao sabor dos ventos,
tudo acontece por ter que acontecer?
no ar, dissipam-se as emoções gasosas.
tentei por anos conviver,
não sei por que não acompanhei,
na frágil preconização,
os ventos soprando para o outro lado.

estahdo vinte
o doce voo da abelha dourada

tudo que reluz, seduz.
você dourada, mel.
no voo doce da abelha,
o prazer real de amor.
são as pequenas coisas que nos levam
a lugares equidistantes do olhar.
num piscar de intenção,
a emoção se materializa numa nuvem.
abelhas trazem nas patas
mensagens codificadas do passado.
assim é que homens tímidos
se escondem na sombra
de cabelos loiros,
olhos claros e boca pequena,
atrás de um dourado corpo.
minha face ruborizada declama.
o peso do pólen nas atitudes
me faz curvar, lambe o chão
e não te ver.
te queria (de verdade),
voando por entre meus jardins,
como se fosse sua colmeia,
mas é
tão longe como o crepúsculo
que imagino ver.

estahdo vinte e um
um barco 'a deriva num cardume de palavras

e eu que vou saber
o que faço aqui?
só abri as velas
e o destino me traçou
esta calma aqui,
uma emoçãoilhada nesta correnteza.
aos primeiros sinais de desespero
as unhas angustiadas
diminuem, sangram, doem.
fecham os lacres dos simulacros,
numa chuva silenciosa,
as pedras se suicidam em choro.
a noite é fria,
a solidão, cortante.
um pássaro negro cruza a noite,
num voo às cegas.
enegrecidos os sentidos,
os andares, os passos,
os caminhos tortuosos,
as rotas dos barcos.
nem toda a imensidão
de um cardume de palavras
comentaria tudo o que navego
quando estou vagando contigo.
tenho todos os meus desejos
num único aquário,
peixes presos entre vidros.

estahdo vinte e dois
ave de arribação também pausa

preciso de um apoio p'rá falar,
um pescoço que nutra esse vampiro,
uma nuca que aceite e fique,
alguém que possa me ouvir,
alguém que queira me entender
e me diga o que quero ouvir,
que me leve, inflado de paixão,
para o horizonte perdido da emoção.
afogado em expectativa,
alço voo noturno
impossibilitado de dormir
com a ansiedade
matraqueando nos ouvidos.
os ratos roem meu passado.
a ferrugem do olhar
corrói os carinhos
e eu fiquei insensível aos outros.
o gosto cruel do fel,
revoa os pombos da amizade
deixando a praça,
a rua, a cidade vazia, silenciosa e surda.
estou cansado de voar.

estahdo vinte e três
teatro chinês dos bonecos negros

ato 1

tripudia o toque do telefone,
a iniciativa de calma.
longe o som rufla as asas
esvoaça o silêncio aturdido.
decompor o universo,
em nacos, toques ou fibras,
explicar algo, poetizar,
uma intenção, um sentido,
um ponto,
ponto final de algo improdutivo.
ouvi muito falar de amor
e me lembrei de um coração de museu
que troquei por nada,
num brique,
numa casa de antiguidade.
as sombras se escondem
nas frestas das calçadas
pisadas de neon.
se tenho saudades, acendo velas.
- o que resta à sombra senão me seguir?

ato 2

no giro da roda dos opostos,
a memória é a unidade relativa de vida,
sentido de finalidade,
ódio contido que saca e atira
depois de cavar o âmago surdo-mudo.
eu já sei de cor o que vai fazer.
pele de penélope, coração de ulisses.
estrépito tropel de pégasos
enchem a vida de valores
que espiam curiosos meus movimentos,
olhos cegos, pérolas foscas,
pensam ser alguém de coisas nenhuma.
- *cadê* você depois de tantas orações e velas?
circundam a cama os sonhos que não tive,
levitam prognósticos, ocultam-se presságios.
enquanto lia security force,
esbocei em tons pastéis,
a morte, meu ódio, a vingança,
o fim dela.
(que os raios a partam para longe.)

estahdo vinte e quatro
fichas de imensuráveis perguntas

teria ciúmes o cego,
daquilo que somente ouve ou
daquilo que imagina ver?
seria possessão, o ato de amarrar
a pessoa amada ou
o fato de amar já seria:
uma possessão ou uma amarração?
o que é errado,
tudo que é nosso é amado ou
agir como se tudo que se ama fosse nosso?
o que a paixão perdoa,
testemunhar em falso testemunho ou
mentir sobre a verdade estampada?
os claustros da carícia,
afugentam os afagos lhanos ou
seviciam em doses cavalares,
os desejos incorporados no calor
dos que não se vêem nos espelhos?
no sentido oculto das coisas,
a lei normaliza o que é certo/errado
ou deixa o silêncio corroer a luz,
para o bem da humanidade?
a rua é sempre o oposto da vida ou
o espelho televisivo
nos mostra aquilo,
que não queremos aceitar?
é na semente híbrida
do fruto da imaginação,
que os ventos nascem ou
a tormenta é a colheita dos sonhos,
que cultivamos no verão?
os passos adivinham o futuro ou
as asas sabem a rota que devem seguir?

estahdo vinte e cinco
nem todos os semáforos me iluminam

anteontem
sonhava um abraço,
nem estava com saudade.
ontem,
um caminhar sob o luar.
hoje,
atropelado por um caminhão
numa calçada curta.

estahdo vinte e seis
de manhã cedo a realidade é outra

ocorre
que os sonhos que tive
a acalantar sonos
num peito amado,
com direito a fralda
macia de desejos,
e tudo mais
que o dormir me der,
foram mentiras acordadas,
ressonadas dos olhos no fundo,
pelos barulhos tristes de chuva
no telhado de zinco.

estahdo vinte e sete
on the road, all around the world

até onde pretendo ir?
ir até um mosteiro no tibete
ou ir a uma esquina de madrid
ou a uma floricultura em barcelona.
quem sabe ir à paris,
chatenay-malabry,
rue de chateaubriand ou
até uma top-set em côte-d'azur
ou voltar a oitenta e três em cascais
e saber, viver e amar oeiras.
até onde ir?
tomar banho em maracaibo
ou cruzar machu-pichu, cuzco ou quito
ou adorar titicaca,
orar atacama
ver os andes nevados a pé
ou cuidar de jardins
levando e trazendo
mudas de rio quarto
para mar del plata.
até onde pretendo ir?
não tenho meta,
eu preciso é ir.

estahdo vinte e oito
sob o signo da eclipse

estou na meia-noite da vida.
nem ontem, nem nunca.
o impasse do passado,
dos ventos frios da indecisão,
desalinham os cursos dos cabelos,
levam para longe o olhar
deixando ciscos e lágrimas.
agora, a chuva dos loucos
molham as vidas retirantes,
lavando as coisas ruins para sempre.
foram tantos gestos e palavras
inúteis e silenciosas,
que tomados pelo ódio
das ambiguidades dos espelhos,
nos tornamos opostos.
na minha noite não existe lua,
no seu dia eu não amanheço.

estahdo vinte e nove
o florista faz ramalhetes de aforismos

meus tickets secretos & nervosos,
minhas idas e voltas,
trejeitos, meneios
para me fazer notar.

não sei onde essa loucura
vai me levar.
tomara que me leve
para bem longe
dessa mulher louca.

trucida o toque do telefone
a tentativa de voar.
(pior é quando não toca,
quando esquecido,
fica em silêncio).

as teias de aranhas
no canto do quarto
são soníferos,
ajudam a preencher
um vazio que tenho
e que me enreda na tristeza.

tapo com o travesseiro
o relógio,
na tentativa homicida
de afogar o tempo.

na noite
os gemidos
as brigas
os choros
são sempre mais longínquos
que a nossa curiosidade deseja.

o que você sabe
sobre bruxaria navaja?
faço chover em qualquer horta.

não preciso de espaço,
tenho uma mente extensa.

eu tenho toda a intenção do mundo.
é só eu sonhar
para você me amar.

e agora, que faço?
o vento parou.
moi, tombé amoureux
do fio de prata
que me elevou
aos céus.

o que machuca não dói,
o coração não sangra mais.
tenho derrame pela vida toda.

se não posso mais
te encontrar,
toma,
fica com meus olhos.

numa praia deserta,
num baú corroído,
os desejos faiscantes
são loucos e tarados,
me trazem à lembrança
aquilo que não pude fazer.

quantas vezes você
foi possuída pelo mar?
eu já estive em dezenas de praias.

deixei o livro violentado,
esgaçado o dorso,
esfolei todas as folhas
e não te encontrei.
em que verso te abrigaste?
em que noite fugiste?
eu só queria um amor,
num mundo irreal.

espalhadas por cômodos escuros,
habitam diversas mulheres
dentro de uma só.

penso em fazer tudo de novo,
quem sabe não evito os erros.
divido-me em duas frentes
para melhor enxergar.
uma de cara para você,
outra seguindo minha sina.

ouço sempre a mesma música.
prova de saudade,
necessidade de análise,
pura ansiedade.

na última gaveta
da cômoda francesa,
bem debaixo das caixas,
à esquerda,
lá no quarto da dispensa,
atrás do biombo chinês,
te joguei fora
para usar depois.

um peixe nada no vento
do ventilador,
doido,
fugindo da morte
do prato do pescador.

é certo que vou te guardar no sótão,
a sete palmos acima da ideia
entre as coisas passadas,
pombas que já voaram
por cima dos ninhos das corujas.

estahdo trinta
e a morte veio do jeito dela

tranquilamente
acordou e arrumou a casa.
calmamente
escreveu uma longa carta,
forte e segura de si.
melancolicamente
chorou ao espelho
enquanto arrumava
o rosto, os cabelos,
a cabeça que queria estourar.
pacificamente
sentou-se frente à lareira
fumou, bebeu e riu do fogo.
silenciosamente
puxou o gatilho.
histericamente
assistia a tudo,
o tempo todo
eu gritava, não!

estahdo trinta e um
o polido génio em curto nasceu faiscando

eu não tenho forma,
do sonho de onde nasci
faço o que você quiser.
sou como você quer,
ajo como você sempre sonhou.
água física,
modelada, atitude tomada,
um génio arábico
com muitos desejos a realizar.
seu pudor e amor próprio
não me afectam.
sou simplesmente o que você cobiça,
satisfaço plena e amplamente
o que você espera
que eu faça.
não adivinho, converto anseios,
não sou marioneta,
pinóquio ou abobado,
não me escravizo,
quero ser seu, por ser
somente eu que me dou.
e você fica comigo.

estahdo trinta e dois
o movimento da cachoeira de luz

a vida corre por entre os dedos,
feito água,
feito luz.
o medo nos cega,
nos afoga.
a morte surpreende,
visita sem bater.
chega e vai se adonando de tudo,
como se fosse sua, a casa
daquela chave que carrega.

estahdo trinta e três
no cemitério das palavras esquecidas

além
esta palavra figura meus olhos
sempre que penso, ando, amo.
uma passagem de partida,
onde tudo principia, labirinto
de emoções turvas e perpendiculares.
levar alguém,
fugir para longe,
escondendo-se na noite.
tudo termina ai.

nome: djalma de souza e correia
nascimento: 26 de março de 1959
nacionalidade: brasileira
estado civil: casado
endereço: rua samuel gramaxo, 43 - 4a
4470-213 - urbanização do chantre - maia - portugal
telefone: 91 988 2939
e-mail: djalma@thepentagon.com
djalma.zelda@clix.pt

url: <http://www.caminhoportugues.web.pt/>
<http://www.djalma.web.pt>